

Para além dos fenómenos de globalização: a irredutível complexidade da vida

José Reis

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra Centro de Estudos Sociais
Diálogos luso-brasileiros
Lisboa. Biblioteca Nacional

2 de outubro de 2109

1. Fenómenos de globalização vs. visões globalistas

- A indiscutível mudança radical introduzida nos capitalismos pelos fenómenos de globalização (ou pela financeirização?)
 - A globalização financeira
 - As cadeias de valor globais
 - A globalização comunicacional e simbólica

1. Fenómenos de globalização vs. visões globalistas

- A distinção entre fenómenos de globalização e visões globalistas
 - Os fenómenos de globalização assentam no primado dos fluxos, da circulação e dos poderes dos atores com grande mobilidade
 - Mas a vida material, institucional e política assenta também em localizações e em factores locais: os espaços de integração transnacionais, os países, as regiões, as cidades são lugares e territórios
 - Os fenómenos de globalização e a sua materialidade desviaram o discurso das ciências sociais para a análise dos fluxos, da circulação e do poder *aterritorial*
 - Esse discurso tanto pode ser legitimador com inquieto
 - » A distinção globalização hegemónica, globalizações e globalização contra-hegemónica
 - A globalização corresponde a uma fenomenologia, o globalismo corresponde a uma visão paradigmática
 - A visão globalistas é performativa, no sentido em que reconhece e consolida as tendências de globalização

2. Como reconstituir um discurso da economia política do desenvolvimento que dê espaço às variáveis localizadas da vida?

- A economia do desenvolvimento como o “outro lado” da visão globalista: as possibilidades de mudança assente na vida material e institucional; não se limita aos fluxos
- O discurso da economia do desenvolvimento dever ser um discurso de economia política: distingue o que resulta de deliberações e de processos construídos da “inevitabilidade”, da “teleologia” ou da “ordem natural”
- Um discurso que reconstitua as tensões entre fluxos e lugares

2. Como reconstituir um discurso da economia política do desenvolvimento que dê espaço às variáveis localizadas da vida?

- Um discurso que se dirija às diferentes deliberações possíveis
- Um discurso que contribua para uma matriz de políticas que não resultem apenas dos fenómenos globalistas
- O discurso globalista “aligeira” o significado de centros e de periferias
- O mapa do mundo continua a identificar centros e periferias: a economia do desenvolvimento continua a ter como objeto as relações entre centros e periferias

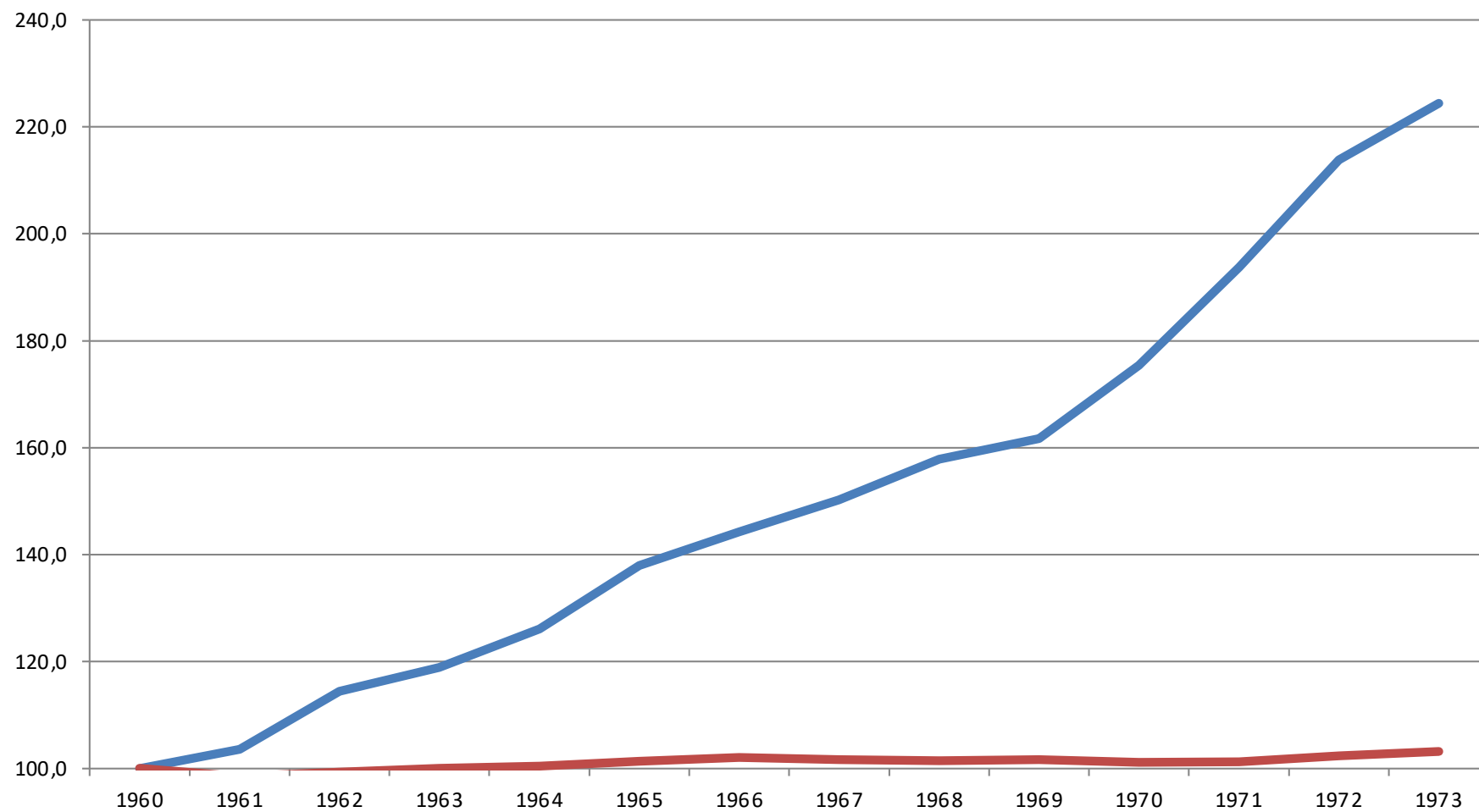
3. Centros e periferias: os processos de intermediação

- A condição central define-se por poder e domínio
- A condição periférica define-se por desequilíbrios e dependência
 - Desequilíbrios no sistema de emprego e mercado do trabalho: dependência de mercados de trabalho externos
 - Desequilíbrios entre capacidade produtiva e satisfação de necessidades: défice da balança comercial
 - Desequilíbrios no mercado de capitais: dependência do financiamento externo
 - O Estado como instância de recurso sistemático
- Tanto os centros como as periferias têm poder de auto-deliberação
- Portugal é hoje uma periferia europeia, passada a condição semiperiférica que lhe era dada pela posição colonial e passado o discurso do “europeísmo feliz”

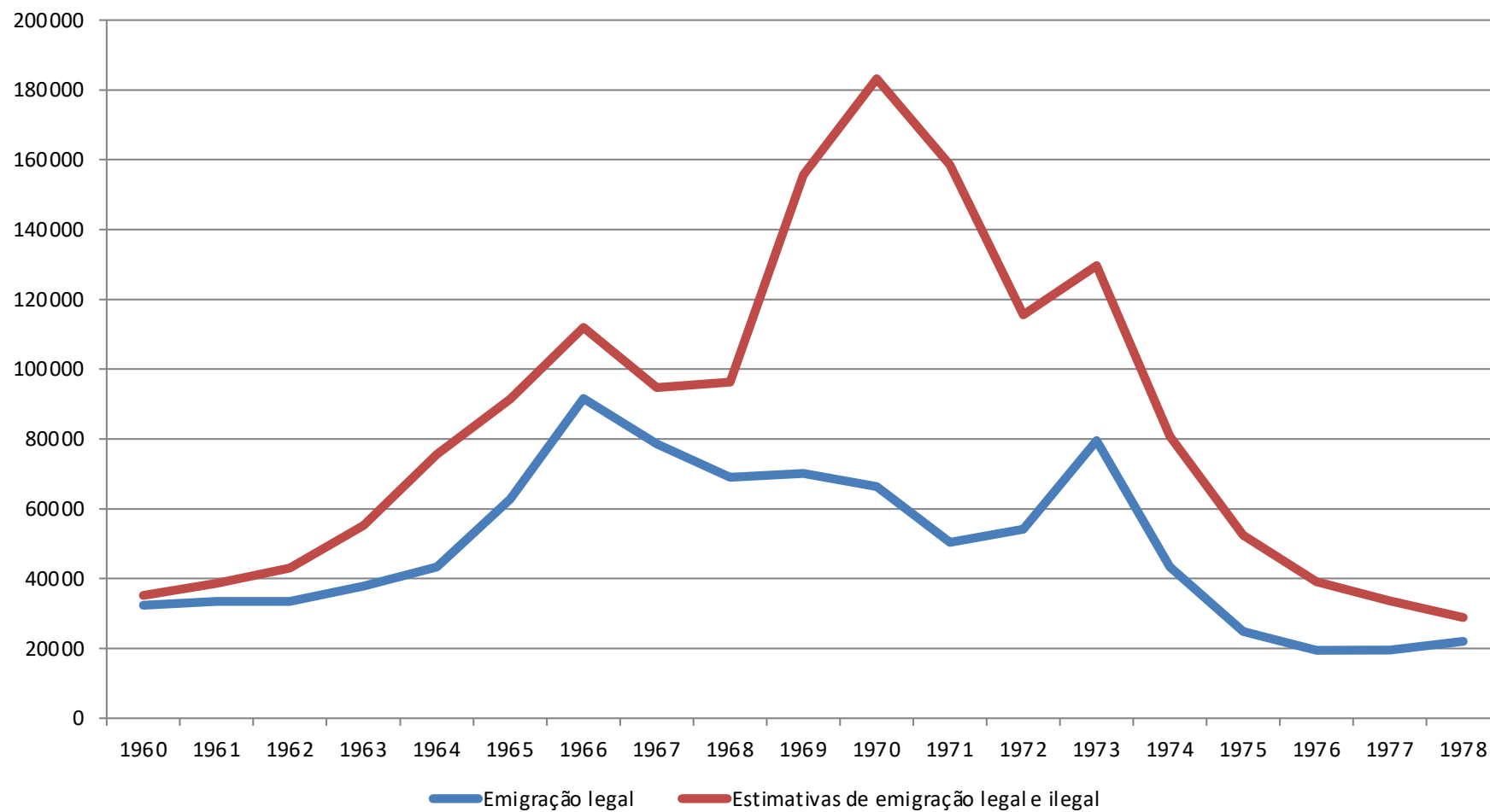
3. Centros e periferias: os processos de intermediação

- Portugal, década de 1960: uma economia intermédia com funções coloniais que desencadeia um processo de industrialização pesada e de base e se torna “europeia”
 - Forte acumulação de capital, elevado crescimento do PIB, nula criação líquida de emprego
 - A criação de um forte vínculo com as economias centrais europeias através de uma emigração massiva
 - Uma função de intermediação entre o centro e a periferia europeia: o fornecimento de força de trabalho pela periferia
 - A economia política de um Estado sem povo, uma indústria sem economia, uma sociedade sem inclusão

PIB e Volume de emprego (1960=100)



Volumes de emigração (1960-1978)



3. Centros e periferias: os processos de intermediação

- Portugal, pós revolução democrática de 1974: a reconstituição da dimensão interna da produção, do emprego e da reprodução social
- Portugal, décadas de 1980 e 1990: uma integração pelos mercados de bens e serviços; excesso de desindustrialização e excesso de terciarização
 - Uma função de intermediação entre o centro e a periferia europeia: a periferia que abre os seus mercados ao centro
 - Uma economia política da democracia
- Portugal desde meados da década de 1990: um economia intermédia num processo de integração monetária
 - UE: uma economia de excedentes no centro e uma economia do crédito e da dívida na periferia europeia
 - Uma função de intermediação entre o centro e a periferia europeia: a periferia como lugar de reciclagem dos excedentes europeus através do crédito e da dívida
 - Uma economia política da financeirização

3. Centros e periferias: os processo de intermediação

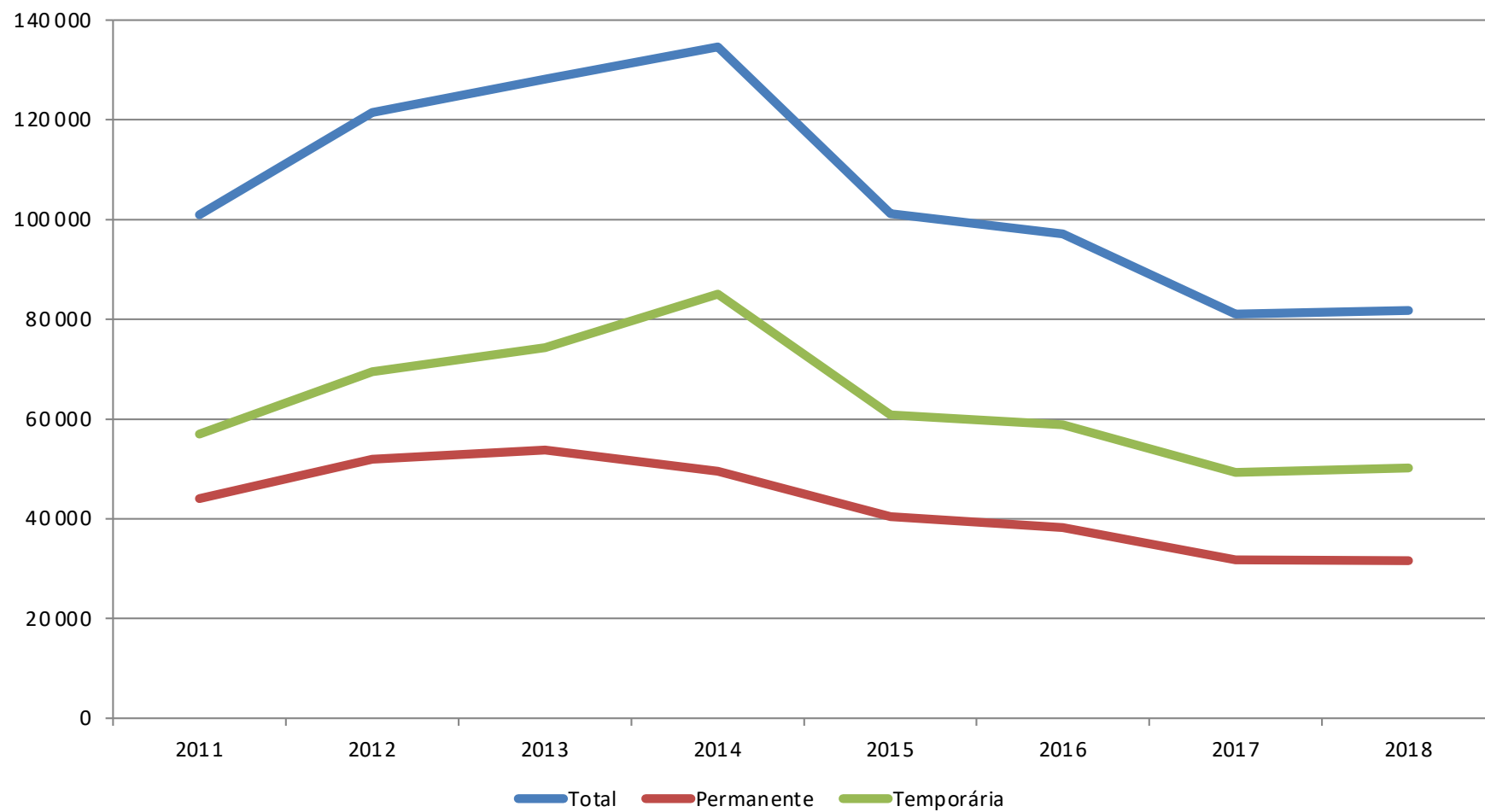
— O Portugal de hoje

- Uma economia política da recuperação: rendimentos, emprego, procura interna e procura externa de serviços
- O défice produtivo, os baixos salários e a precariedade
- A dificuldade de reconstituir a provisão pública
- O crescimento unipolar e o deslaçamento do território

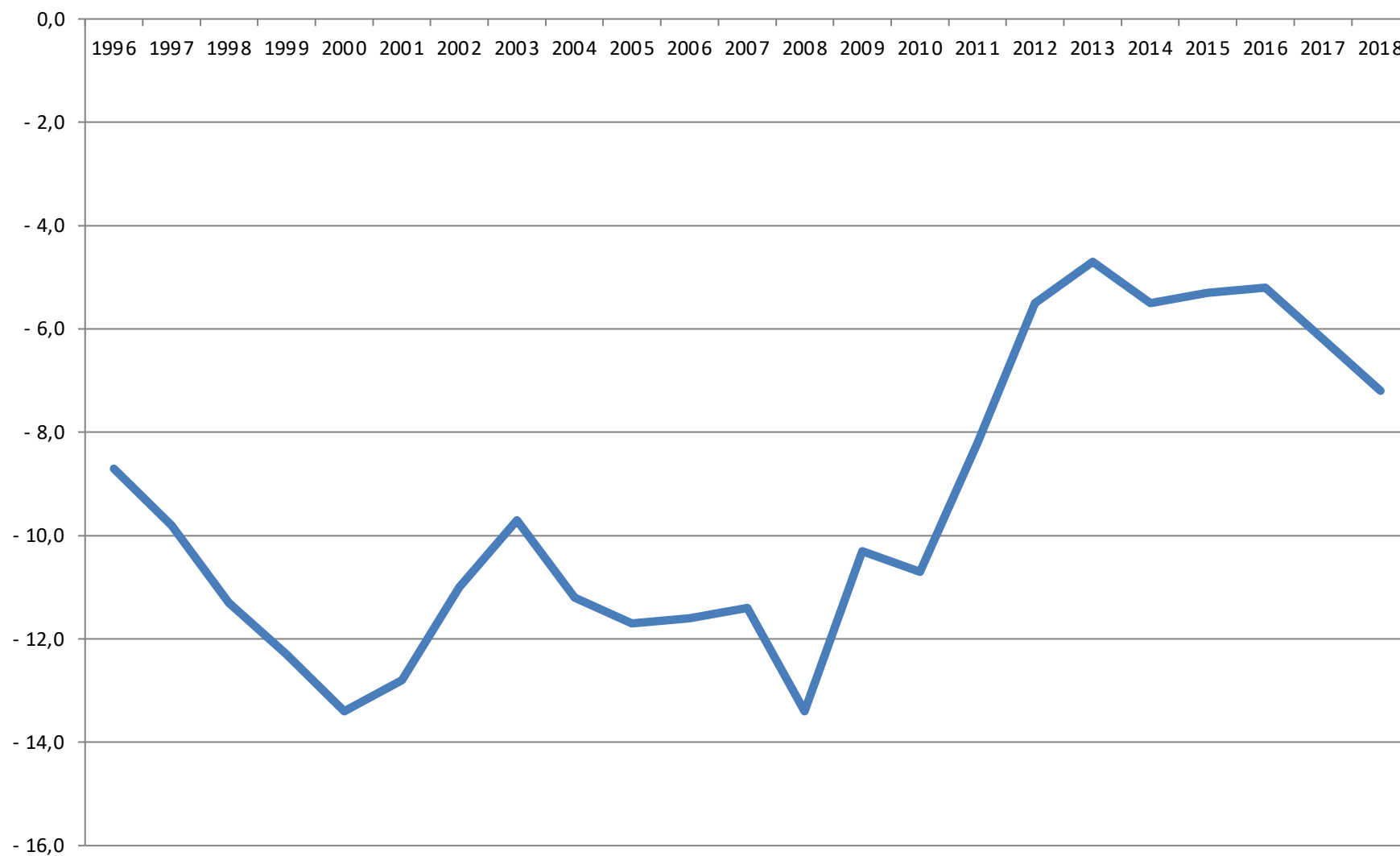
— Os quatros indicadores da condição periférica atual

- Emigração
- Défice comercial de produtos
- Posição de investimento internacional
- Dívida pública

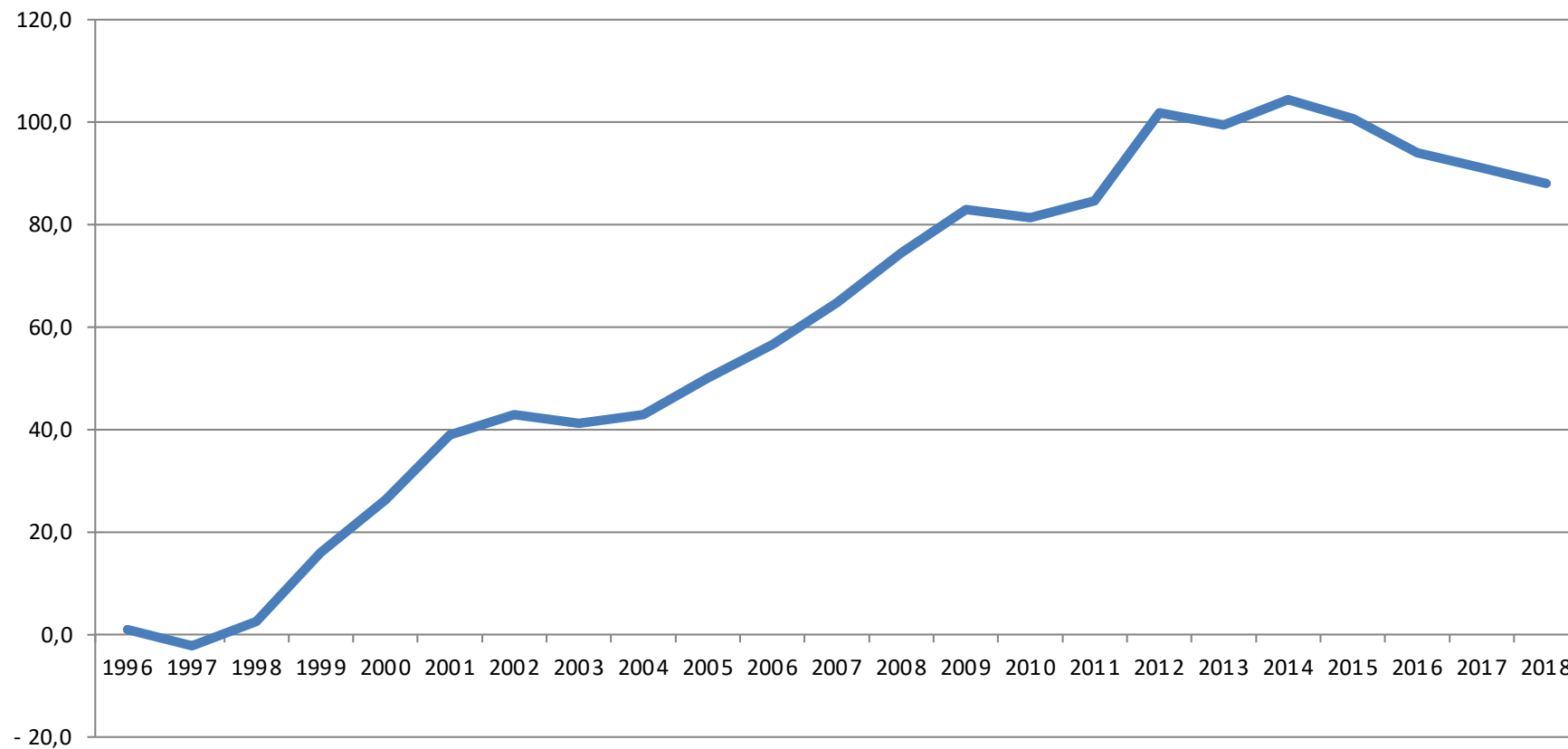
Emigração: total, temporária e permanente (2011-2018)



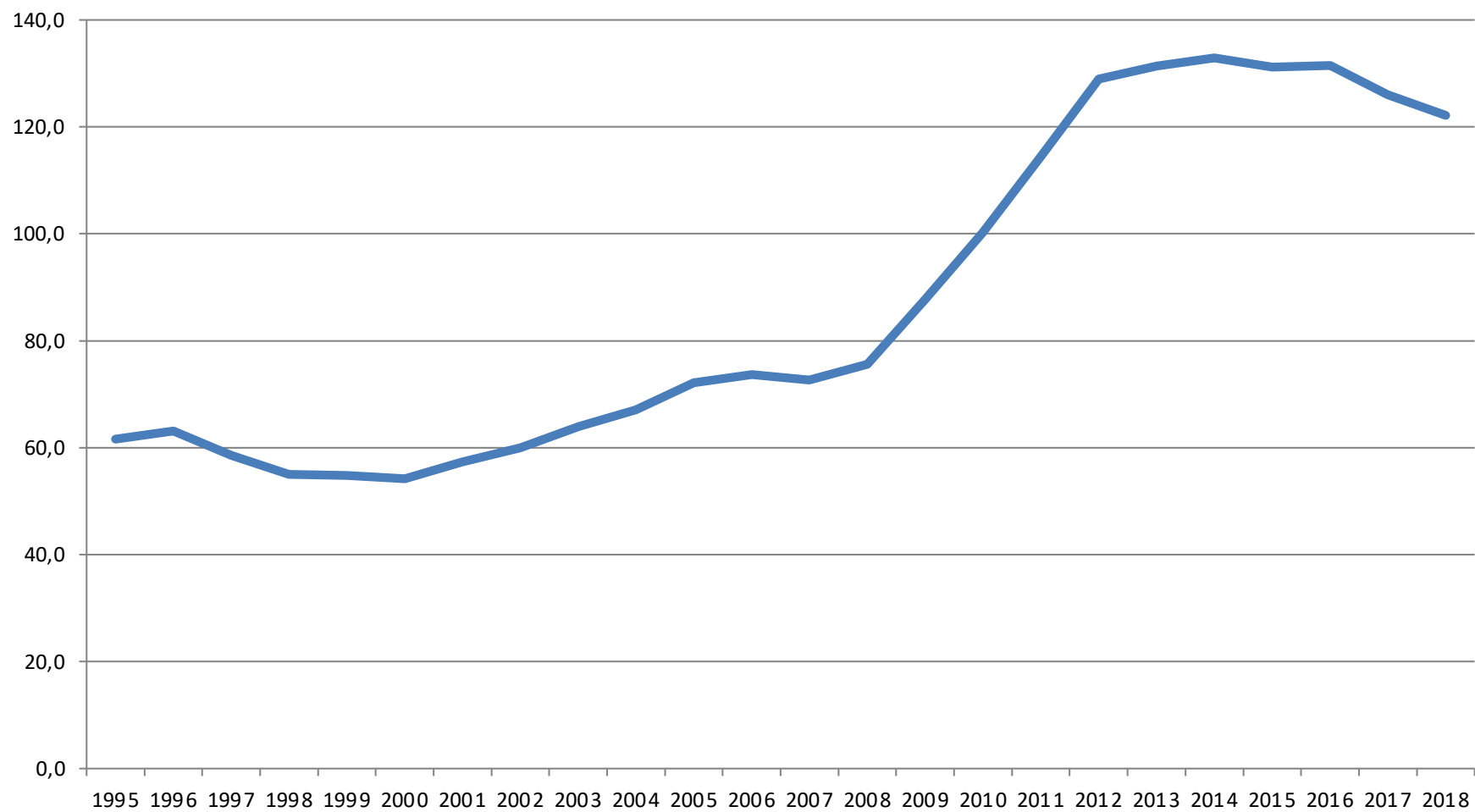
O déficit da balança comercial de bens em % do PIB (1996-2018)



Dívida externa líquida em % do PIB (1996-2018)



Dívida pública em % do PIB (1995-2108)



4. A matéria da economia política do desenvolvimento

- Reconstituir os sistemas de emprego
- Reconstituir os sistemas produtivos e as articulações territoriais
- Reconstituir a política macroeconómica
- A economia política do desenvolvimento e a capacidade para reconstituir tensões